

# CRENÇA & LETRAS

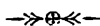
REVISTA MENSAL

---

DIRECTOR

3.º Antonio Hermano

PROFESSOR DO COLLEGIO DE S. DÁMASO



## SUMMARIO

Discurso proferido na festividade de N.

- S.ª da Oliveira, em Guimarães..... *P.º Henrique Gomes*  
Os dois pastores (poesia)..... *A. Moreira Bello*  
Meditações.. ..... *P.º Antonio Hermano*  
Indice da segunda serie.

---

As opiniões sustentadas nos artigos insertos na «Crença & Letras» são da responsabilidade de quem os assigna. Os originaes devem estar na redacção até ao dia 20 de cada mez.

**Assignatura.**—Anno 600 reis.—N.º avulso 100 reis.

---

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

COLLEGIO DE S. DAMASO—GUIMARÃES

---

# BOLETIM DO COLLEGIO DE S. DAMASO

A Direcção do Collegio de S. Dâmaso

A Redacção da «Crença & Letras»

A todos os seus amigos,

BOAS FESTAS.

## A festa de S. Damaso

Guimarães, 11 de dezembro.

A academia musical-litteraria realisada hontem no excellente collegio de S. Damaso, para festejar o quarto anniversario da sua fundação, foi uma festa ás direitas, impossivel de descrever-se d'um modo bem frisante a quem perdeu o ensejo de assistir a ella e conher *de visu* os attractivos que a revestiram. Da veracidade d'esta affirmativa dirão as numerosas pessoas que. arrostando com as inclemencias do tempo e a escabrosidade do caminho, lá foram *pede calcante* áquelle pittoresco local para gosar, não os seus encantos que não era apropriado o dia, mas os da festa a que nos vamos referindo. Todos se retiraram contentes, hemdizendo a hora em que se resolveram a ir alli. Os commentarios eram honrosissimos para a direcção do collegio, ouvindo eu dizer a pessoas muito auctorizadas, que a todos os respeito era um dos principaes collegios do Minho. A direcção foi d'uma amabilidade inexcedivel para com os convidados.

Presidiu o snr. dr. Souza Gomes. lente da philosophia na Universidade de Coimbra, secretario pelos snrs. Francisco Ribeiro Martins da Costa e visconde de Sendello.

O discurso de abertura proferido pelo snr. presidente foi applaudidissimo. Sua ex.<sup>a</sup> fez a sua apresentação dizendo que estava alli forçado pelo cumprimento do que considerava um dever. Todos os que cursaram estudos publicos ou particulares, disse, sabem como são espontaneas, profundas, leaes e duradouras as amizades que se contrahem nos bancos das es-

colas. Os que juntos recebem dos mesmos mestres o viatico do ensino, sentem-se como que ligados por um vinculo espirital, cheios d'uma graça particular que os predispõe para as santas affeições de amizade. Ha mil occasiões de os condiscipulos se conhecerem a fundo, continuou sua ex.<sup>a</sup>, de se apreciarem no seu justo valor sem que nos juisos do seu fôro intimo intervenham esses tantos factores extrânhos, que inquinam d'uma boa dóse de fingimento e de calculo amizades contraidas em epochas menos innocentes da vida. E quando reconhecemos n'um condiscipulo um character limpido, quando nas suas acções transparece umia bella alma, somos attrahidos para elle irresistivelmente, e trava-se uma amizade que durará toda a vida.

Que na instrucção primaria e secundaria fôra condiscipulo do snr. padre Dias de Faria, que faz parte da zelosa e conspicua direcção d'quella casa, e que é dos seus 10 annos que data a boa e solida amizade que ainda hoje conservam. Que s. rev.<sup>a</sup> se lembrou de lhe enviar, em nome da sua velha camaradagem academica, a ordem de vir assumir a presidencia d'esta symphathica festa.

Que não olhara difficuldades porque não quizera ver os seus nenhuns merecimentos para distincção tão subida; e que se esquecera das obrigações que poderia opôr ao convinte penhorante, curvando-se, obedecendo e vindo.

Passou depois a dizer que se lia frequentes vezes em escriptos de diferentes ordens, que o professorado é um sacerdocio; quasi divina a missão do professor que tem de illustrar os espiritos e formar os caracteres dos discipulos, preparal-os para as varias funcções da familia, da nação e da sociedade, missão tão importante que homens feitos, devemos pelo menos tanto aos nossos mestres, como aos nossos paes.

Assim era justo que os professores considerassem o seu *munus*, principalmente os professores de instrucção primaria e secundaria que recebem os seus discipulos com a maleabilidade

de espirito dos que não tem habitos contrahidos, habitos que mais tarde inutilisam os esforços da melhor boa vontade.

Referindo-se aos professores que não curam, como devem, da solida instrucção dos seus alumnos, disse que eram cúmplices dos paes que teem o falso criterio de que a certidão do exame é tudo e a sciencia nada. Que sentia intima e grande satisfação por se ver alli n'aquella casa, em que directores e professores têm a clara e nitida noção dos seus deveres de mestres; directores e professores do antigo modelo, que não sacrificam ao *bezerro d'ouro* da sciencia de fancaria e não são machinas de preparar em grande velocidade materia prima de exames; mas são verdadeiros educadores, ensinando os seus alumnos a serem verdadeiros estudantes. Folgo ter occasião de lhes prestar esta homenagem merecida. Não estou profereindo palavras de cumprimento: fallo com convicção firme, porque é fundamentada. Fallo porque já tive occasião de examinar discipulos dos actuaes professores de este collegio, que não desmereceram com certeza no intervalo de 4 ou 5 annos que decorreram e lembra-me bem de que só me apresentavam estudantes devidamente habilitados, e que as informações do merecimento dos alumnos que esses professores meus amigos pessoases, particularmente me deram, eram confirmadas ponto por ponto pela prova publica. Que varios professores que nos ultimos annos tem examinado alumnos d'este collegio lhe affirmaram que em todas as disciplinas os encontraram sabedores.

Seguidamente dirigiu-se ao corpo docente e dirigente do collegio e aos seus alumnos, animando estes a continuarem na conquista de distincções, e aquelles a seguirem a senda que a si mesmos se traçaram.

O seu discurso, muitissimo extenso, foi coberto de merecidos applausos. O snr. dr Montenegro discursou com uma fluencia admiravel, e o snr. padre Ilhenrique Gomes mostrou-se digno de ser considerado um orador consummado. Ambos tiveram prolongadas salvas de palmas.

Quando o snr. presidente distribuia os premios aos alumnos, abraçava-os e o mesmo faziam os secretarios e os professores que estavam ao lado da mesa. Os assistentes saudavam com

palmas cada um dos premiados. Muitas pessoas não pöderam presenciar esta cerimonia a olhos enxutos.

Se não nos faltasse o espaço, muito tinhamos que louvar na execução do programma, que foi cumprido d'um modo suprehendente!

O salão via-se lindamente decorado com damascos, palmas, corôas, bandeiras, photographias do edificio, trophéus, plantas, etc. Por de traz da meza da presidencia levantava-se a rica bandeira do collegio bordada a ouro, aos lados grandes serpentinas de prata, de muito merecimento, e do tecto do salão pendiam dois lustros. Sobre a porta da entrada lia-se a folhas de louro—«Salutamos hospites. Aos lados—«A' virtude»—«Ao talento» «11-12-1893»—«Crença e letras»—«S. D.»

Ora como as damas muito concorreram a sua presença para o adorno do salão, damos em seguida os nomes das que nos lembra ter visto: D. Esmalia Barroso. D. Thereza Motta Prego, D. Virginia Baptista, D. Adelaide Meira. D. Maria da Conceição Araujo, D. Maria Angelina Motta Prego, D. Arminda Baptista Sampaio, D. Josephina Freitas, D. Augusta Jorge, D. Rosa de Oliveira, D. Maria Araujo, D. Amelia Aguiar Magalhães, D. Magdalena Baptista Sampaio, D. Maria d'Oliveira Peixoto, D. Sophia Santos Costa, D. Rosa Souza, D. Anna Ribeiro, D. Maria Ribeiro, D. Maria do Amaral, D. Elisa Ribeiro da Cunha, D. Amelia da Conceição Ribeiro, etc. Cavalleiros: A commissão municipal representada pelos srs. dr. Antonio Coelho da Motta Prego e José Ferreira de Abreu, dr. Meira, dr. José Monteiro, padre Garcia, Abbade João Candido da Silva, conego Cardoso, conego Bacellar, dr. conego Miranda, padre Coimbra, dr. Pinheiro Torres Junior, d'essa cidade, Francisco Joaquim da Costa Magalhães, dr. Brauio Caldas, Padre Gaspar da Costa Roriz, Fortunato Basto, João Antonio de Almeida, João Chysostomo, de Fafe, Eduardo Almeida, Francisco Martins Fernandes Antonio José da Silva Ferraz, Luiz José Gonçalves Bastos, e outros.

Houve para os alumnos, premios litterarios, artisticos, de comportamento, diplomas litterarios, diplomas artisticos e diplomas de bom comportamento.

O dia mantendo-se continuamente chuvoso não impediu a concorrência

## BOLETIM DO COLLEGIO DE S. DAMASO

pois o salão regorgitava. Se está de sol, apesar de vasto, era insufficiente.

(Extrahido do nosso excellento collegio «Commercio do Minho»).

A. B.

### Provas trimensaes

O director dos estudos d'este collegio, conhecendo quanto valem os exames trimensaes como contraprova do adiantamento dos alumnos, como ensaios para os exames publicos e até como incentivo para os professores, promoveu a sua realisação nos dias 18, 19, 20 e 21 de dezembro. Sabemos que a direcção ficou bem impressionada com as provas de auspicioso adiantamento de que em geral os alumnos deram provas. As classificações foram feitas pela escala de 20 valores. Os que obtiveram 15 e mais valores, foram considerados *distinctos*. A estes, distribuiu o director dos estudos, P.<sup>e</sup> A. Hermano, um pequenino premio e dirigiu-lhes algumas palavras de congratulação e incitamento. Como *memoração honrosa*, aqui lhes publicamos os nomes.

Manoel Lopes Leite de Faria, *Fr. 19, Geogr. 15*  
José Sumaville, *Lat. 17, Hist. 16*  
Altino da Costa Mata, *Ing. 16, Geogr. 17*  
Luiz Augusto d'Araujo, *Hist. 18, Phil. 16*  
*Geogr. 17*  
Antonio M. de Pinho e Sousa, *Ing. 17*  
Albino d'Azevedo Maia, *Lat. 16, Hist. 16*  
Abílio Antunes d'Azevedo, *Fr. 16, Geogr. 16*  
Arnaldo Vieira da Cruz, *Ing. 16, Geogr. 16*  
José Torres, *Geogr. 16*  
Manoel Francisco Sal, *Ing. 16, Geogr. 16*  
Amílcar Barca da Cruz, *Port. 16, Fr. 16*  
Anibal de Mesquita Guimarães, *Fr. 16*  
Manoel José Martins, *Port. 16, Fr. 16*  
Domingos da Costa, *Inst. P. 16*  
Eduardo Almeida Junior, *Inst. P. 16*  
José Ribeiro Guimarães, *Hist. 16*  
Albano Gustavo Mesquita Cirne, *Phil. 15*  
Manoel Antunes d'Azevedo, *Hist. 15*  
Abel Alves de Freitas Torres, *Port. 15*  
Antonio M. Peixoto do Amaral, *Ing. 15, Geogr. 15*  
José Figueira de Sousa, *Inst. P. 15*  
Albano José Peixoto, *Geogr. 15*  
Avelino A. Vieira Pinto, *Math. 15, Ph. 15*  
Sebastião Carneiro Ferreira, *Fr. 18.*

### Boletim da Associação Escolar de S. Luiz

No dia 14 de dezembro realisoou-se uma sessão solenne. Era por essa occasião imposta ao rev. A. J. d'Oliveira a medalha de presidente honorario da Associação.

Varios socios usaram da palavra, entre elles, P.<sup>e</sup> Hermano Amandio, P.<sup>e</sup> Henrique Gomes e Carlos Ribeiro Borges exaltando as qualidades do sr. presidente honorario e a sobra da justiça da distincção que a meza lhe conferia e o rev. A. J. d'Oliveira agradecendo, commovido, a manifestação de que se via alvo.

Faltaram ainda sobre os muitos beneficios educativos e religiosos da prestantissima Associação, os rev.<sup>os</sup> Firmino Bravo, Antonio Hermano, Hermano Amandio e Henrique Gomes.

Foi uma sessão cheia, bella, fecunda e commovedora.

Vejo na Associação um elenco de vida e uma seara d'esperanças, se a não desamparar a dedicação dos associados, e a actividade da meza gerente.

No proximo numero fallaremos mais largamente.

Victor.

### A festa de S. Dâmaso e a imprensa

A imprensa periodica referiu se largamente á festa de S. Dâmaso. Lembra-nos ter visto essas referencias nos seguintes jornaes:—«Commercio do Porto», «Primeiro de Janeiro», «Jornal de Noticias», «Palavra», «Voz Publica», «Commercio do Minho», «Diario de Noticias», «Alma Velha», «Lucta», «Regenerador», «Estrella Povoense», «Desforço», «Jornal de Fafe», «Gazeta do Minho», «Vida Moderna», «Cabeceiro», «Religião e Patria», «Vimaranense», «Commercio de Guimarães», «Aurora do Tamega» e outros.

A todos o nosso sincero agradecimento.

## CRENÇA & LETRAS

A *segunda serie* d'esta revista, formando um volume de perto de 250 paginas, bem collaborado, e impresso em optimo papel, encontra-se á venda na Redacção—*Collegio de S. Damaso*—GUIMARÃES.

PREÇO. . . . . 600 REIS

## Discurso proferido na festividade de N. S.<sup>a</sup> da Oliveira, em Guimarães

(Continuado de pag. 157)

---

MEUS SENHORES :

Os gigantes assignalam-se pela grandeza da estatura ; os atletas notabilisam-se pelo vigoroso da musculatura.

Uns e outros salientam-se sobremaneira ; os seus feitos grandiosos e estupendos são recontados gerações a dentro ; galvanisa a sua memoração pelo muito que espantam.

Os gigantes e os atletas são raridades.

Pygmeus é o que mais ha.

Fomos um gigante, fomos um athleta.

Erguemo-nos sobranceiros aos outros povos ; levamol os de vencida na dilatação do poder, no engrossamento do valor, na extensão das conquistas, n'esse subir apressado de triumpho em triumpho na escada da gloria, n'esse *crecendo* espantoso de heroismo em heroismo, de victoria em victoria, n'esse caminhar desapoderado na estrada dos descobrimentos, sem recuos, sem titubeamentos, sem afadigações, sempre para a frente e sempre na vanguarda.

Tivemos braços de ferro, musculos de aço ; o nosso peito era abroquelado de bronze, a nossa alma era feita de luz, e n'esse bronze embotaram se muitas settas e com essa luz espancaram-se muitas trevas.

Fomos um gigante, fomos um athleta. Domamos o mar e civilisamos o selvagem ; marcamos esteiras inextinguiveis sobre as vagas oceanicas e vertemos em corações aridos e incultos as mellicas essencias dos sentimentos generosos.

Conquistando, desfraldavamos o pendão das Quinas — um apoio ; civilisando, erguimos a Cruz — uma esperança ; apoio para os fracos, para os que vergavam ao peso d'um jugo de ferro, esperança para os infelizes, para os mergulhados nas escuritezas do erro ; apoio que dava vida, esperança que a dilatava.

Ao passo que pulverisavamos na incude da liberdade as algemas da escravidão, desentenebreciamos espiritos com a luz da Verdade e acalentavamos corações com o fogo do Eyangelho.

Os nossos heroes eram guerreiros e apóstolos. Guerreiros, terçavam a espada que flammeja poder. Apóstolos, empunhavam a Cruz que reverbera amor.

Fomos um gigante, fomos um athleta.

E gigante que não se curva e athleta que não treme, e gigante sem rival e athleta sem par, e gigante que assentou seus braços sobre o dorso das nações e ellas gemeram, e athleta que vibrou uma clava a que não havia resistir-lhe.

E esse gigante, não houve regiões onde não se exhibisse a sua grandiosa estatura, não houve horisontes onde não se projectasse a silhueta da sua enorme corpulencia.

E esse athleta, não houve alcantis que o acobardassem, não houve muramentos que o detivessem na sua marcha triumphal, não houve escolhos que lhe sustassem o passo não houve ciladas que lhe quebrantassem o animo, não houve diques que lhe retivessem a impetuosidade da carreira, não houve gargalheiras que lhe afrouxassem a rigeza dos musculos; caminhava sempre, avançava sempre, dominador, avassalador, magestoso de porte, imponente de magestade, sublime de imponencia, olhando sempre para a frente, guiado por estrelas propicias, o coração abeberado de esperanças, a alma recheiada de aspirações.

Arrebata, galvanisa, põe gostosos estremecimentos na alma a contemplação das nossas glorias passadas.

Ninguem nos levou a palma no valor, ninguem se ergue mais alto que nós, nenhum povo labutou mais que nós e nenhum se glorificou mais que nós.

Parecíamos uma raça de novos hercules.

Tivemos uma vida alentadissima, robustissima, exuberante de vigor.

Que o digam Ceuta e Aljubarrota, o Ameixoal e o Bus-saco.

Que o contem a India e o Brazil, a Hespanha e a França.

Ide a esses logares memorandos nos nossos fastos e ainda talvez vereis ahí gravadas as pegadas dos nossos bravos e ainda talvez ouvireis ahí uma voz a murmurar : — Destemidos, como nenhuns outros ; o ardôr da refrega centuplicava-lhes as forças, o scintillar das espadas aviventava-lhes os brios. Valentes até'li !—

Perguntae, perguntae a esses povos pela bravura dos portuguezes. Hão-de responder-vos : — Ao signal do *avante* despenhavam-se sobre o inimigo como avalanches indestrutíveis, infraccionaveis.

O enthusiasmo ia-lhes crescendo na proporção do perigo.

Vistos na arena da lucta, que o sangue espaçava e os cadaveres juncavam, vistos ao faiscar dos metaes, acommetendo com furia estimulados pelo soar do bellico clarim, vistos assim, entre nuvens de pó asphixiante e ondas de gritos insurdecedores, dir-se-hiam incansaveis e invenciveis, julgar-se-hiam d'uma invulnerabilidade cômpleta, a toda a prova.

Espavoriam e nós recuavamos ao avançar das suas phalanges.

Terriveis de bravura !—

Eramos assim, meus senhores.

Fomos um gigante, fomos um athleta.

Combatemos pela Patria, luctamos pela Religião.

Defendemos o Pendão das Quinas — a nossa independencia, o estrellado do nosso ceu, o verde das nossas campinas, a alvura dos nossos rios, o alcantilado das nossas montanhas, a ridencia dos nossos vergeis, o canto das nossas ave-sinhas, o gorgolejar das nossas fontes, o refflorir dos nossos jardins, o reverdecer da nossa flora, a paz dos nossos lares, a segurança dos nossos penates, as ossamentas dos nossos avós, os loiros dos nossos conquistadores, os tropheos das nossas conquistas, as conquistas dos nossos heroes, tudo, tudo isso que se chama patria, a sagrada patria, a querida patria — o venerando tumulo das gerações passadas, o esperançoso berço das gerações futuras.

Defendemos a Cruz — a nossa fé, as nossas crenças, os nossos affectos mais puros os sentimentos mais nobre que

nos decóram a alma, as aspirações mais sublimes que nos estuam no coração, a hostia dos nossos sacerarios, o Christo dos nossos altares, a Virgem dos nossos oratorios, a santidade dos nossos templos, as vestes dos nossos sacerdotes, o bronze dos nossos campanarios, o esplendor do nosso culto, as vozes do órgão que ferem a alma interneedoramente, as ondulações do incenso que espirala perfumantissimo, os córos dos anjos que se elevam purissimos até o trono de Deus, o aroma das flores que aformosentam pintorescamente os altares em que se veneram as imagens dos santos queridos, tudo, tudo isso que nos leva a alma, muito docemente, n'uns adejos suavissimos para o seio do Infinito.

Defendemos o pendão das Quinas, e o inimigo tremeu e caiu, e a patria venceu e triumphou.

A patria! Quem não sente pulsar-lhe sangue novo nas veias ao ver o perigo que asoberba a mãe-patria? Quem não é capaz de heroicidades ao ouvir o estralejar do tagante com que lhe avergoam o coração?

Esse, esse que se deixa ficar indifferente aos gomicos da patria, esse que permanece sereno ante as suas convulsões de agonia, que podia sustel-a um minuto á borda do abysmo, que devia correr pressuroso a amparal-a na queda, e não o faz, esse é um desnaturado com entranhas de monstro.

Amar a patria, luctar pela patria é amar, é luctar pelas cinzas dos nossos avoengos, pela vida das nossas familias, pela conservação das nossas tradições, pela existência dos porvindoiros, por tudo, por tudo o que ha de mais querido sobre a terra.

Defendemos a Cruz e bem merecemos da Providencia e a Providencia aplanou-nos a senda a trilhar em busca da gloria e a Providencia marcou-nos o itinerario a percorrer.

Defendemos a Cruz e a Cruz foi estrella polar a guiar-nos seguramente atravez das cerrações do desconhecido, foi esplendoroso fanal a allumiar-nos em meio de noites caliginosissimas, foi-nos consolo e esperanza na lucta com a coleira dos elementos e a ferocidade dos homens.

Defendemos a Cruz. A Cruz! oh! sim, foi nas dobras



d'esse estandarte que nós estreitamos amorosamente muitos nossos irmãos!

Oh! sim, foi á sombra deliciosa e appetecivel d'essa arvore enorme de ramos colossaes, que nós descansámos, por vezes, d'esses combates titanicos, prostradores, travados a bem da Religião e da patria!

Oh! sim, foi com esse camartello da liberdade que nós quebramos muitas algeimas.

Senhores:

Defendemos o pendão das Quinas, defendemos a Cruz, e então eramos aguerridos e temidos, virtuosos e respeitados.

Diademava-nos a dupla aureola da virtude e da bravura.

Mas hoje... hoje essa aureola perdeu muito do seu brilho; não flammeja, tremeluz; não despede vividissimos raios, vasqueja tibiissimos bruxoleamentos; já não offusca já não estonteia com o seu reverberar scintillas de fogo; o seu fulgir já não é como o do sol escandecendo no zenith, semelhasse-lhe ao desmaiar, quando se occulta, além, esbatendo-se, por detraz dos visos das serras.

Cabe a tarde, chega o crepusculo, o crepusculo é pre-nuncio da noite e a noite envolve-se no sudario das trevas.

Entramos no crepusculo, perto negrejam as trevas.

Desalicerçado o pedestal, tomba e a estatua que o enci-ma, rola, fragmentando-se, sobre o pó a que vae reduzir-se.

Desmoronou-se o pedestal da nossa gloria, sacudido pelos violentissimos empuxões d'uma desgraça assoladora.

Como o gigante perfurado de golpes, asseteado de fle-xas. após uma lucta homerica, a peito descoberto, cahimos esfalfados, desmaiados, esborcinados; mas — e valha-nos isto! — mas não exangues, ainda com palpação de brio no coração, ainda com vibrações de coragem na alma.

Como o athleta, relaxados os musculos, laceradas as car-nes que sangram em espadanas, cadaverosas as feições que pouco antes illuminava o genio do heroismo, batemos de rojo na arena; mas — e valha-nos isto! — mas solevantando em arrancos de indignação o peito que se sente comprimido por mão de ferro, luctando sempre e apesar de tudo por afastar

o latego com que nos tagantam, estremendo de santa colera, ao sentirmos as vergoadas que nos arroxiam e esfarrapam as carnes, respondendo intrepidamente, nobremente, aos insultos que nos lançam ás faces, por certo sem contestação, mais impidas e puras que as do covarde que se aproveita da fraqueza d'um povo por todos os motivos digno de respeito e veneração, ainda nos momentos de abatimento.

Cahimos. A aguia, ferida em pleno peito, baixou dos seus adejos longemente distanciados aos nateiros que rebalsam entre o brejo.

Cahimos. Sansão entregou-se nas mãos de Dalila, Achilles foi vulnerado.

Cahimos.

O' patria, querida patria! apearam-te do pedestal da tua gloria.

Os teus filhos engolfaram-se no torvelinho do prazeres, que allucinam, arremessaram-se, desvairados ao marulhante oceano das paixões, que decrepitam, e entibiadas as forças, enervados os brios, deixaram que mãos barbaras te empolgassem as melhores joias da corôa e arrebatassem o manto do teu poder, tão roçagante, tão emperlado de proezas altissimas, tão scintillante de façanhas nunca excedidas.

Os teus filhos, ó patria, deixaram-se adormecer sobre os loiros e o abutre descendo manso e traçoieiro, arrepanhou-lhes os thesouros.

Patria, minha patria, chegaram-te os dias da provação, dias horriveis d'angustia, em que o sol da felicidade apenas brilha, a espaços, desmaiado, por entre nuvens tempestuosas!

Patria, minha patria, cobre-te de luto e chora, que teus filhos, descaroaveis, apunhalam-te o coração, exhaurem-te o sangue das veias, não para se roborarem, mas para o esbanjar nas modernas proezas orgiacas!

Camões, sublime Camões, rasga a obra prima do teu genio descommunal, recalca e represa no fundo do coração os estos do teu amor patrio, vae, vae para Macau e n'aquella inolvidavel e inspirativa gruta chora de parceria com as musas a perda da patria!

Mas não voltes, conserva-te ahí vergado ao peso do infortunio, deixa-te fenecer de nostalgias, espalha sobre esses penhascos de granito, que parecem comprehender-te, os threnos da tua saudade, e não venhas assistir ao vasquejar do teu Portugal.

Estão-lhe abrindo a sepultura. Coveiros, os filhos.

Gama, grande Gama, não cortes com a prôa das tuas naus essas acapelladas ondas, que ameaçam sorvel-as em seu bojo de monstro, porque — quem sabe? — talvez por ahí, mais tarde, venha o esquife da patria envolto em pessamanes de seda, tansiado de oiro!

Pára, pára, que ao longe, acastellando-se, diviso umas nuvens negras, muito negras, borrascosas, carregadas de tempestade, tempestade que se desencadeará sobre o teu amado Portugal, rasgando aqui e além fundos algares — sorvedoiros insaciaveis de suas enormes riquezas!

Cabral, felicissimo Cabral, vira de rumo, não abiques a essas praias, não pises essas areias que requeimam, não fites esse sol que calcina!

Olha que sob as carminadas petalas da rosa ha espinhos e os espinhos abrem feridas e as feridas vertem sangue e sangue derramado é vida que falta.

Examina, examina essa mancha escura que se desenha e contorna no horizonte do futuro.

Conhecce-la? E' o abutre da desgraça que espreita a presa. Se amas a patria, recúa e lança ancoras.

O ceu vae escurentar-se e a tempestade ha de bravejar furiosa.

Colhe as velas, que ainda é tempo.

Mas não, não.

Ide, ide, espiritos de valor estupendos, rasgae essas trevas, desobstrui essas estradas que levam aos terminos da terra, formae com os vossos trabalhos, com as vossas façanhas, uma Illiada e uma Odysséia.

Ide. Alem ergue-se o Adamastor. Que importa? A patria quer florões para a sua coroa e ao mando da patria não ha resistir-lhe.

E vão e luctam e descobrem e conquistam e civilisam e christianisam.

Sim, meus senhores, esses homens — se só homens foram! — arrecadaram glorias sobre glorias, enthesouraram riquezas sobre riquezas, que nos deixaram como legado precioso.

Mas esse legado, talvez de mais pesado para as nossa forças, de cerceação em cerceação, foi-se extinguindo extinguindo até deixar de si umas vagas e indecisas reminiscencias.

Sim, meus senhores. Portugal era roble, e roble giganteo, mas o roble baqueou.

\*

Senhores: Entre as notabilissimas tradições que enobrecem e singularisam esta nobilissima cidade, apontam-se como das mais salientes as que tem por objecto primario Maria, a Senhora da Oliveira.

As paginas mais brilhantes da nossa historia, nos periodos que mais esplende o nosso renome, eu vejo com espanto, eu noto com assombro que esta senhora exerceu grandissima e salutarissima influencia nos destinos da nossa patria.

Os monarchas collocavam-se sob a sua egide, os soldados acommettiam seguros da sua protecção. Uns e outros eram-lhe sinceramente devotados.

Portugal foi assim: — um entusiasta por todas as glorias da Virgem, um crente fervoroso na sua valiosissima protecção, um batalhador denodado em prol das suas excellentissimas prerogativas, um estrenuo campeão, defendendo os seus singularissimos privilegios

E Maria, desdobrando o seu manto lentejoulado de ternura e amor acobertava o sempre do rescaldo do infortunio.

E Maria era ajuizo custodio a encaminhal-o rectamente na estrada dos triumphos.

E Maria era a estrella d'alva que lhe entremostrava o

porto sem recifes e sem escoraceos, quando o baixel da sua independencia navegava em mar alto da fortuna batido de ventos contrarios—*estrella matutina*.

E de Maria corria perennal a fonte matiz do balsamo para as feridas, do consolo para as amarguras, do lenitivo para as dôres, do refrigerio para as ulcerações da serenidade para os luctos, da resignação para as desgraças—*consolatrix afflictorum*.

Aqui, deante d'esta Virgem, tam veneranda e tam venerada, ajoelheram reverentemente, devotamente, supplicantemente, em tempos de muita fé, portuguezes valentes como poucos, nobres como nenhuns outros.

Monarchas e plebeus, capitães e soldados, todos, todos á compita, vinham nimbar a transluminosa fonte de Maria, a Senhora da Oliveira, com o fragrantissimo incenso do seu amor e da sua dedicação.

Felizes tempos! Saudosos tempos!

Eram os tempos do Mestre d'Aviz, de Nunalvares e d'Aljubarrota.

Felizes tempos! Saudosos tempos!

Eram os tempos de João II, Vasco da Gama e Alvares Cabral.

Felizes tempos! Saudosos tempos!

Marcam o Zenith do nosso esplendor.

E não mais voltareis, ó felizes tempos, saudosos tempos?

Para longe o desespero. As almas verdadeiramente grandes provam-se e retemperam-se nos dias da amargura, esperanças sempre no repontar de limpidas auroras, no arraiar de felizes dias.

Para longe o desespero. A *Estrella matutina*, a *Consolatrix afflictorum*, Maria a Senhora da Oliveira, ha de afastar para longe, muito longe, as nuvens tetricamente horriveis que embruscam o ceu da nossa patria.

Portugal é de Maria e Maria ha-de acalentar-o sempre com as calorificações do seu poder.

Haja amor, muito amor a Maria, haja fé, muita fé na sua protecção e crêntes n'ella, para longe o desespero.

Ergamo-nos como os nossos avós, em arrojados impetuosos de bravura, agigantemo-nos façamos-nos heroes.

Rebente o coração em explosões de valentia, ao vermos o inimigo pisar o sólo da nossa patria, esmagar e emmurchecer as florsinhas dos nossos campos, empanar a limpidez dos nossos arroios, violar o recinto sagrado dos nossos lares, profanar as imagens dos nossos altares.

Portuguezes, a patria soffre e dôres cruelissimas, a patria chora e lagrimas d'um travor dilacerantissimo.

Não deixar, que ella, verminada pelo infortunio, se desvitalise e enlanguesça e acabe alfim, por sumir-se na voragem que arrasta consigo a autonomia das nações.

Portuguezes, luctemos pela patria, defendamos a patria.

DISSE

Collegio de S. Dámaso.

*Henrique Gomes.*

---

## OS DOIS PASTORES

---

(Episodio da vida de D. Frei Bartholomeu dos Martyres)

E' rigoroso inverno. A neve alveja  
Em monte e valle, em frigido tapiz;  
Fragosa, arida é a via; e lá negreja,  
No triste e opaco ceo, plumbeo cariz.

Pelas ermas quebradas ruge o vento,  
E já das nuvens fria chuva cae:  
Mas nada turba o fundo pensamento  
Em que o santo Pastor immerso vae.

Do sequito apartado, a natureza  
Repasce o entendimento e os olhos seus;  
E a sua formosura, horror, grandeza,  
São lhe incentivos ao louvor de Deus.

Em alta penha e descoberta posto,  
Eis presto á vista sua appareceu  
Pobre menino, ao vento e á chuva exposto,  
De roupas mal provido o corpo seu.

A' intemperie insensível, vigiava  
 De esparsas ovelhinhas mansa grei.  
 Que as brancas plantas do alcantil pastava,  
 E a quem a sua voz impunha a lei.

O asp'ro logar, do tempo a inclemencia,  
 E a leve veste o Antislite notou;  
 Do pobresinho a idade e a paciencia  
 Ao coração de pae não lhe escapou.

E junto á penha uma lapinha via.  
 Que abrigo dera contra o vendaval,  
 Scismando como alli não se acolhia  
 O pequenino e misero zagal.

No terno peito a piedade entrava;  
 O tardo passo á mula susta pois;  
 E encantador dialogo se trava,  
 De sabia lição fertil, entre os dois.

—Desce abaixo á lapinha, pastorinho.  
 Vem-te n'ella resguardar;  
 Que, tão mal enroupado, esse corpinho  
 Soffre e periga, exposto em tal logar,

—«Isso não, padre meu. porque, se alerta  
 Não estou, se não abro os olhos bem.  
 Ou o anho mata-me a raposa esperta,  
 Ou a ovelha levar-me o lobo vem.»

—Que mal vae n'isso?—«A mim mui grande ira,  
 Pois contas devo em casa dar ao pae,  
 Que bradará commigo, e tão bom dia  
 Se elle dos ralhos e clamor não sae!

«Por ordem sua, as rezes eu vigio,  
 E elle, severo, me vigia a mim:  
 Mais vale, pois, soffrer a chuva e o frio,  
 Que á vara sua aventurar-me assim.»

Mudo e quedo o Arcelbispo se ficara,  
 Em tão sabia resposta a reflectir;  
 E o sequito esperando, o que passara  
 Co'o menino se apressa a repetir.

—«E este roto innocente eis ensinando  
A ser prelado a frei Bartholomeu,  
As suas ovelhinhas vigiando,  
Por mais tormentas que fulmine o ceo!

«Pois se, tão sem resguardo p'ra allrontal-as,  
Não lhes busca sollicito fugir,  
Preferindo o rigor de supportal-as  
A do pae o mandado não cumprir,

«Que plausivel razão dar eu podera,  
Se, omisso, descuidasse o meu dever,  
Porque a saude molestar temera,  
Ou um pouco de frio padecer;

«E se o rebanho assim desamparasse,  
Cujo cuidado me confiou Jesus,  
Para que, desvelado, o apascentasse,  
E para o ceo lhe fosse guia e luz?»

E ou das nuvens desabe a chuva fria,  
Ou rujam nas quebradas vendavaes,  
Sem cuidados, amor, doutrina e guia  
O seu rebanho não deixou jamais.

A. Moreira Belto.

---

## MEDITAÇÕES

---

### I *O tedio*

O tedio é a dois disfarçada, é o martyrio a fogo lento: crava mansamente as garras de abutre na pobre alma victimada. Parece-se com a hypocrisia: ao engano vae arrastando a alma á orla do abysmo—o desespero—. Parece-se ainda com a tizica: como esta dilue á traição o tecido dos pulmões, esta, parte a oito as fibras do espirito—as esperanças—.

Sinto viva compaixão por aquelles que o tedio a miude empolga. Infelizes! até no sorriso encontram travor: empalidecem-lhes á vista dorida as radiações alegres do sol. E' de gelo a vida que vivem: não têm enthusiasmos, nem dores



nem amizades, nem crenças! Faz-se-lhes o vacuo á roda, o vacuo de tudo o que prende ás pulchritudes do doce viver: ficam apenas a depressão moral a pesar machiavellicamente, ferreamente e a curva-los mais e mais sobre o estranho encantamento do nada, sobre a verminação tumular. Todavia Jesus — o que mais soffreu — ensinou a respeitar amavelmente esses pallidos filhos da tristeza porque elle, o grande Martyr, disse: — *Bemaventurados os que soffrem!*

### II *O trabalho.*

O trabalho! como elle é fecundo! Da sua entranha feraz trasborda a vida em opolencias gloriosas, derivam copiosas as industrias que dão ao homem forças titanicas jorram as sciencias, que centuplicam o alcance da razão, mana em caudacs de oiro o commercio que cruza e recruza mares e continentes, e a agricultura que da gleba humida recolhe as messes fartas e as artes que crystallisam a belleza em formas feiticeiras. Mas a melhor, a benção primaz do trabalho é a virtude multipla, complexa, que elle gera, fecunda, propaga n'uma alliciação perenne, fervente. (O vicio teme-o, foge-lhe espavorido: jamais os veremos em centubermio amigo; sãoa contradicção mais flagrante, os inimigos mais irreconciliaveis.

Bemdito seja o trabalho!

### III *O orador.*

Sinto-me ainda sob a vibração enthusistica com que um orador glorioso electrizou o meu espirito. A sua voz forte e volumosa, o gesto largo e convicto ondula ainda na minha alma como um eco divino.

Ah! que potencia se não occulta n'aquella lingua d'oiro! Um auditorio, aos pés d'aquelle homem numeroso bebendo soffrego, com ancia, com ardor, com fé, a ideia que se solta d'aquelles labios, fervida, callida, tumentel! Um homem só, ao impulso unico do seu verbo quente, apaixonando milhares de cerebros na equação do mesmo pensamento, na palpação cadenciada do mesmo sentimento, fundindo tudo, ideia e sentimento, na mesma commoção febril!

E' sublime, é magestoso o poder da palavra! E' gloriosa a missão do orador!

*P.<sup>o</sup> Antonio Hermano.*